

Empresário pede a Tancredo um golpe contra a inflação

JORNAL DO BRASIL

Economia - Brasil

14 JAN 1985

Arquivo

— Inflação não é como um avião, onde se pode administrar a altura em que se pretende voar. Não é possível se contar com a possibilidade de uma inflação de 200 a 250% no ano que vem, pois não há meio termo para a inflação: ou ela está ou não está sob controle. Por isso, o próximo Governo, o primeiro essencialmente democrático em 20 anos, deve começar com um golpe: um golpe psicológico, de forma a romper com tudo isso que vem acontecendo até hoje, através de um conjunto de medidas que indiquem em uma única direção, a da redução da emissão de moeda.

A afirmação é do empresário financeiro Adolpho de Oliveira, ex-presidente da Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto (Andima) e ex-conselheiro da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Preocupado com a "explosão" monetária dos últimos 3 meses, o empresário diz que a receita para o combate à inflação pode ser muito simples: a sociedade precisa ficar convencida de que a quantidade de moeda está sob controle, para que as pessoas não fiquem mais com a sofreguidão de se livrarem o mais rapidamente possível do dinheiro que têm em mãos.

— A política econômica não precisa ser complicada. Se o povo acreditar que a moeda não vai perder valor a cada minuto, a velocidade das transações cai, e os preços baixam, naturalmente. Nenhum país no Século XX saiu de processo de hiperinflação através de gradualismo, ou tratamento de choque. Somente quando a sociedade se convenceu de que a moeda voltaria a ter algum valor é que a hiperinflação acabou nesses países.

Erros de 1979 a 1984

O empresário afirma que de dezembro de 1979 a dezembro de 1984 o país não teve política monetária alguma, na prática. "O que assistimos foi a uma gigantesca festa macabra, na qual era servido o sangue da economia, ou seja, a moeda. No final de 1979, tivemos um enorme resgate da dívida pública, tabelamento dos juros, da correção monetária e da correção cambial. Em 1981, a política passou a ser de contingenciamento do crédito (os bancos somente poderiam aumentar seus empréstimos até determinado limite)."

"Em 1982", continua Adolpho de Oliveira, "houve toda uma alteração do perfil da dívida externa, aumentando a responsabilidade interna em dólares (depósitos em moeda estrangeira no Banco Central e títulos públicos rendendo correção cambial). De 1983 a 1984, o BC se dedicou a resgatar os títulos com correção cambial, resgatando em doze meses o que normalmente levaria 5 anos. A partir de meados de 1984, houve uma expansão de moeda para cobertura de todas as contas governamentais (déficit do açúcar, giro da dívida pública, déficit das estatais etc), resultando nos números que agora estão sendo divulgados".

"Dizer que a expansão monetária foi consequência do saldo da balança comercial não convence a ninguém. Se assim o fosse, o Japão, com enormes saldos comerciais a cada ano, estaria com uma expansão monetária e uma inflação internas de 1.000%", assinala o empresário.

Esperança e credibilidade

Adolpho de Oliveira reafirma que o próximo Governo precisa transformar em credibilidade, através de medidas econômicas e imediatas, a esperança nele depositada pela sociedade durante a fase de campanha.

— O próximo Governo precisa passar para a sociedade uma sensação de forma que mesmo as pessoas que não entendam de economia se convençam de que a quantidade de moeda em circulação não continuará a ser aumentada. Usando as palavras de Tancredo Neves, queremos uma moeda que não queime que nem fogo e nem derreta que nem gelo", conclui o empresário.



Adolpho de Oliveira acha que não há meio termo para a inflação